

# Uma reflexão sobre o Lenin<sup>(1)</sup>

Paulo de Tarso Presgrave Leite Soares <sup>(2)</sup>

223

## Resumo

Na primeira parte mostramos que há dois Lenins, bem distintos e opostos. Um Lenin que recusa a dialética e um Lenin dialético. Na segunda parte mostramos as discordâncias com o Lenin místico, dialético. Na terceira parte mostramos a concordância com o Lenin não dialético. Na quarta parte mostramos que as discordâncias em nada diminuem nossa admiração pelo Lenin.

**Palavras-chave:** Lenin; dialética; capitalismo.

## Resumen

En la primera parte mostramos que hay dos Lenins, muy distintos y opuestos. Un Lenin que rechaza la dialéctica y un Lenin dialéctico. En la segunda parte mostramos los desacuerdos con el místico, dialéctico Lenin. En la tercera parte mostramos la coincidencia con el Lenin no dialéctico. En la cuarta parte, mostramos que los desacuerdos de ninguna manera disminuyen nuestra admiración por Lenin.

**Palabras clave:** Lenin; dialéctica; capitalismo.

## Abstract

In the first part we show that there are two Lenins, very distinct and opposite. A Lenin who refuses dialectics and a dialectical Lenin. In the second part we show the disagreements with the mystical, dialectical Lenin. In the third part we show the agreement with the non-dialectical Lenin. In the fourth part, we show that disagreements in no way diminish our admiration for Lenin.

**Keywords:** Lenin; dialectic; capitalism.

---

<sup>1</sup> As reflexões aqui expostas são apresentadas na disciplina “Uma análise da fase monopolista do capitalismo”, que leciono no curso de economia da FEA/USP e em alguns vídeos no canal “Marx, sem ilusões”, no Youtube.

<sup>2</sup> Professor da FEA/USP, Canal no Youtube: Marx – sem ilusões. | [ptsoares@usp.br](mailto:ptsoares@usp.br)





Um monte de gente louva o Lenin. Há muitos que o leram? Não! Louvam uma caricatura do Lenin. Seria melhor se o louvassem menos, mas o lessem mais (3).

224

## Parte 1: a antinomia em Lenin

Há uma antinomia em Lenin. Há dois Lenin. Há o Lenin revolucionário à La Marx. Onde a revolução é uma necessidade prática para acabar com o sufoco da vida, com a opressão de uma esfera social sobre as demais. Onde a revolução não é a evolução da razão, não é inexorável, não é o destino da humanidade. Há também outro Lenin, à La Hegel, místico. Onde a revolução é fruto da evolução da razão em busca da sua autossuficiência, é o destino da humanidade.

Começemos tratando do Lenin revolucionário à La Marx, aquele que, no *Quem são os amigos do povo*, disse que a transformação da economia capitalista em economia socialista nada tem a ver com a dialética hegeliana, que a dialética era usada pelo Marx apenas como forma de expressar-se e não como método de análise (4). É o Lenin que diz que os críticos de Marx, sem melhores argumentos faziam a vulgar acusação de que o marxismo aceita a dialética hegeliana (5). É o Lenin que diz que, na transição do capitalismo para o socialismo, no caso da expropriação dos expropriadores, o fio condutor é a contradição entre o desenvolvimento da socialização do trabalho e a centralização dos meios de produção, algo absolutamente distinto da tríade hegeliana (6).

Tratemos, agora, do Lenin místico, à La Hegel, aquele que, no mesmo *"Quem são os amigos do Povo"*, onde depois renegar o Marx dialético, < < dá

---

<sup>3</sup> Adaptação livre da Epígrafe de Kautsky que foi reproduzida em: Lênin, W. I. *Quienes son los <amigos del pueblo> y como luchan contra los socialdemócratas? Respuesta a los artículos de Russkoie Bogatsvo contra los marxistas. Escritos Económicos (1892-1899), vol. II, 2a. ed. Madrid/México: Siglo Veintiuno, 1979. De agora em diante referido como **Quem são os amigos do povo**.*

<sup>4</sup> *Quem são os amigos do povo*, Op. cit. p.16.

<sup>5</sup> *Quem são os amigos do povo* Op. cit. p. 43.

<sup>6</sup> *Quem são os amigos do povo*, op. cit. p. 50/52.



uma cambalhota>> <sup>7</sup>) e, ao que parece sem o saber ainda, trata hegelianamente o marxismo. O Lenin que disse que o materialismo deu um salto de qualidade quando reduziu as relações sociais às relações de produção e estas às forças produtivas. As forças produtivas estão em permanente desenvolvimento, desenvolvendo a organização social mercantil até a sua transformação em organização capitalista e a necessidade da sua transformação em outra relação social de produção e criando as classes antagônicas, a burguesia e o proletariado.

## Parte 2: discordâncias com o Lenin hegeliano

Cumpre inicialmente observar sobre o uso da palavra <discordância>, ao invés da palavra <crítica>. A intenção é marcar que os comentários aqui feitos não podem ser entendidos como críticas à La Marx. No “*Para a crítica à filosofia do direito em Hegel – Introdução*” <sup>8</sup>), Marx disse que a crítica não é um bisturi anatômico, para uma cirurgia recuperadora e sim uma arma apontada contra um inimigo que se quer destruir <sup>9</sup>).

Não poucos, no entanto, dirão que houve uma mudança epistemológica no Marx e, portanto, o sentido com que ele usava a palavra crítica também mudou. Discordamos fortemente disso. Explicamos o motivo.

No capítulo 1 do *Capital: crítica da economia política* <sup>10</sup>), Marx rompe a ligação entre valor de uso e valor de troca. Disse ele que a mercadoria não contém um átomo das qualidades que lhe dão valor de uso <sup>11</sup>) e que o trabalho concreto não entra no valor de troca <sup>12</sup>). Como o que cria o valor não é o trabalho humano concreto efetivamente realizado, mas o trabalho

<sup>7</sup> Marx, no *Miséria da filosofia: resposta à filosofia da miséria do sr. Proudhon* Hemus, 2008, p. 91 (de agora em diante referido como **Miséria da filosofia**), disse que os hegelianos partem do real e, por meio da abstração, chegam à categoria lógica, em seguida dão uma cambalhota e voltam para o real.

<sup>8</sup> *Para a crítica à filosofia do direito em Hegel – Introdução*, Coleção Textos Clássicos LusoSofia, Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008, disponível em [http://www.lusosofia.net/textos/marx\\_karl\\_para\\_a\\_critica\\_da\\_filosofia\\_do\\_direito\\_de\\_hegel.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/marx_karl_para_a_critica_da_filosofia_do_direito_de_hegel.pdf) . De agora em diante referida como **Para a crítica filosofia do direito – Introdução**.

<sup>9</sup> *Para a crítica filosofia do direito – Introdução*, p. 8

<sup>10</sup> O *Capital: crítica da economia política*, Livro I, vol. 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. De agora em diante referido como **Capital**.

<sup>11</sup> *Capital*, p. 58/59.

<sup>12</sup> *Capital*, p. 63.



humano concreto convertido em trabalho humano abstrato, na qualidade de trabalho humano igual (<sup>13</sup>), o valor é uma realidade apenas social (<sup>14</sup>). No capítulo 3 Marx rompe a ligação entre valor de troca e preço. Disse ele que o preço revela a relação de troca da mercadoria com o dinheiro, mas não necessariamente revela a magnitude do valor de troca. A transformação da magnitude do valor em preço ocorre quando a mercadoria é trocada pela mercadoria dinheiro, uma mercadoria com existência extrínseca à mercadoria com que a mercadoria dinheiro está sendo trocada. Assim, essa transformação pode se dar tanto na magnitude correta quanto na magnitude deformada para mais ou para menos (<sup>15</sup>). Mas além das divergências quantitativas há também divergências qualitativas. Uma coisa que em si mesma não é mercadoria pode ser alienada por dinheiro e assim receber a forma de mercadoria (honra, consciência etc). Uma coisa pode formalmente ter preço sem ter valor (terra não cultivada, que não tem valor por nela não ter sido realizado qualquer trabalho humano) (<sup>16</sup>). Isso retira da teoria do valor qualquer relacionamento intrínseco com a produção. Isso faz da teoria do valor mera expressão de relações sociais alienadas, fetichizadas. Uma crítica que, obviamente, não é um bisturi para uma cirurgia recuperadora e sim uma arma direcionada para um inimigo que ele quer destruir (<sup>17</sup>).

A palavra crítica, em Marx, sempre teve o mesmo sentido, o de ser uma arma contra um inimigo que se quer destruir.

Como <discordâncias> aqui não devem ser entendidas como <críticas>, os comentários sobre a antinomia são um esforço para que Lenin seja melhor entendido e reverenciado sem adoração, sem beatificação, sem religiosidade característica dos hegelianos. Afinal, Lenin aqui não é visto como Hegel via o monarca. Lenin aqui não é visto como a encarnação da razão.

---

<sup>13</sup> *Capital*, p. 67/68.

<sup>14</sup> *Capital*, p. 69.

<sup>15</sup> *Capital*, p. 128/129.

<sup>16</sup> *Capital*, p. 129/130.

<sup>17</sup> Como exposto no vídeo seis do Canal no Youtube, *Marx, sem ilusões: Paulo de Tarso Presgrave Leite Soares*. Não é por outro motivo que a disciplina que leciono chama-se *Marx: destruição da economia política*. Note-se aliás a quantidade de vezes em que o Marx usou a palavra <crítica> nos títulos da sua obra. Um uso constante e duradouro. Por isso aqui a insistência em se usar a palavra <discordância>.



O primeiro comentário discordante dirige-se ao Lenin do *Quem são os amigos do povo*, onde o conceito de forças produtivas cria e desenvolve o real e ao Lenin do *O imperialismo, fase superior do capitalismo (ensaio popular)* (<sup>18</sup>), onde o conceito concorrência entre os capitalistas é o motor do desenvolvimento do capitalismo. O fundamento para a discordância está no Marx, do *Miséria da filosofia* e em Marx & Engels, do *Ideologia alemã* (<sup>19</sup>). No primeiro, Marx diz que os hegelianos, ao fazerem abstrações imaginam fazer análise. Eles partem do concreto e, mediante abstrações, chegam às categorias lógicas, dão uma cambalhota e voltam da categoria lógica para o concreto (<sup>20</sup>). No segundo, Marx & Engels dizem que, segundo o sistema hegeliano, as ideias, os pensamentos, os conceitos, produzem, determinam e dominam o mundo real dos homens, seu mundo material, suas relações reais e que os <<rebeldes discípulos de Hegel>> tomam dele essa concepção (<sup>21</sup>). Em Lenin, tanto no *“Quem são os amigos do povo”* quanto no *“Imperialismo”*, indiscutivelmente, o conceito cria, desenvolve o real. Cabe, então a dizer: <<o segundo Lenin é um rebelde discípulo hegeliano>>.

O segundo comentário discordante relaciona-se ao ponto anterior, onde o conceito cria o real, mas o fundamento da discordância agora é o Marx, do *Crítica à filosofia do direito em Hegel: crítica dos parágrafos 261 ao 313 da obra de Hegel, I* (<sup>22</sup>), onde está dito que, em Hegel, a alma dos objetos já está pronta, predeterminada, antes do seu corpo. Corpo que não é propriamente mais do que a aparência da alma. O conceito é o filho da “Idéia” em Deus pai, é o “agens”, o princípio ativo, determinante e diferenciador (<sup>23</sup>). Uma vez que uma concepção em que o conceito é o *agens* (princípio ativo), determinante e diferenciador, é uma concepção religiosa/mística, cabe a afirmativa de que o<< segundo Lenin é místico/religioso>>.

---

<sup>18</sup> *O imperialismo, fase superior do capitalismo (ensaio popular)*. in Obras Escolhidas, Tomo I. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. De agora em diante referido como **Imperialismo**.

<sup>19</sup> *Ideologia alemã*, São Paulo: Boitempo, 2007, p. De agora em diante referido como **Ideologia alemã**.

<sup>20</sup> *Miséria da filosofia*, p. 90/94.

<sup>21</sup> *Ideologia alemã*, p. 524

<sup>22</sup> *Crítica à filosofia do direito em Hegel: crítica dos parágrafos 261 ao 313 da obra de Hegel*, São Paulo: Boitempo: 2005. De agora em diante referido como **Crítica filosofia direito - Hegel**

<sup>23</sup> *Crítica filosofia direito - Hegel* p.36.



O terceiro comentário discordante tem como fundamento o Marx do *A sagrada família ou A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes* (<sup>24</sup>). Ali Marx critica Bauer por aplicar o aparato magico hegeliano, que faz brotar as “categorias metafísicas” – as abstrações da realidade – sacando-as da lógica e faz com que elas encarnem. Marx, então, conclui com a exclamação crítica dizendo: <<Socorro, Hinrich!>> (<sup>25</sup>). À continuidade, Marx diz que, em Hegel, a autoconsciência, o espírito, é o todo, fora dele não há nada. É o criador poderoso, do universo, do céu, da terra. O mundo é uma manifestação de vida da autoconsciência que deve alienar-se e adquirir forma servil. A diferença entre o mundo e a autoconsciência é apenas uma diferença aparente. Marx então diz que dizer, como faz Hegel, que a autoconsciência não distingue nada real de si mesma, que dizer que o mundo é, muito antes, apenas uma distinção metafísica, uma quimera do seu cérebro etéreo, uma figuração do mesmo, equivale a dizer que o movimento material diferente do movimento ideal do cérebro existe apenas na aparência. E conclui Marx dizendo: <<Socorro Hinrich!>> (<sup>26</sup>). Isso, portanto, permite aplicar ao segundo Lenin a mesma expressão que Marx usou contra os hegelianos: <<Socorro Lenin!>>.

O quarto comentário discordante refere-se ao futuro do capitalismo. Lenin, no *Imperialismo* disse que o capitalismo só se transformou em imperialismo capitalista quando ganharam corpo e se manifestaram em toda a linha os traços da época de transição do capitalismo para uma estrutura econômica e social mais elevada. O monopólio é a transição do capitalismo para um regime superior. O futuro do capitalismo é necessariamente o socialismo (<sup>27</sup>). Não há papel para o acaso. Agora o fundamento para a discordância está no Marx, do *Excertos sobre a economia política de John Stuart Mill* (<sup>28</sup>), onde está dito que a verdadeira lei do mundo real é o acaso. Em Lenin não há a possibilidade de o capitalismo ser transformado em

<sup>24</sup> *A sagrada família ou A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes*. São Paulo: Boitempo, 2011. De agora em diante referido como **Sagrada família**. Os trechos aqui reproduzidos foram extraídos exclusivamente das partes escritas apenas pelo Marx.

<sup>25</sup> *Sagrada família*, p. 157.

<sup>26</sup> *Sagrada família*, p. 160.

<sup>27</sup> *Imperialismo*, p. 641.

<sup>28</sup> *Excerpts from James Mill's Elements of Political Economy in Early Writings*, London/New Yorl: Penguin Books/New Left Review, 1977, disponível também em <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/115991/113664>



barbárie ou em um sistema compatível com o processo de socialização do trabalho, chamado de socialismo. O otimismo histórico, o finalismo, o determinismo, são evidentes no segundo Lenin.

O quinto comentário discordante refere-se ao tratamento que Lenin dá para a luta de classes no *Imperialismo*. É equivocado dizer que a luta de classes tem um papel decisivo no processo de monopolização e, portanto, no destino do capitalismo que, como dito no *Quem são os amigos do povo*, é dado pelo permanente movimento das forças produtivas.

Para facilitar a compreensão do ponto em tela, comecemos pelo Marx, no *Grundrisse* (<sup>29</sup>) dizendo que o capital caminha para sua dissolução como modo predominante de produção da vida, devido ao processo de socialização do trabalho. Repetindo o que dissera no *Miséria da filosofia* (<sup>30</sup>), Marx, no *Grundrisse* disse que a luta de classes leva à transferência do trabalho direto para as máquinas e complementa dizendo que a colocação do trabalho direto em suspenso faz com que a principal força produtiva seja a aplicação da ciência à produção e assim cria-se o trabalhador coletivo. Isso corrói do as bases do capitalismo, pois se o trabalho está nas máquinas e não no trabalhador, não faz mais sentido se apropriar do trabalho do outro, base fundamental do capitalismo. Também não faz mais sentido a teoria do valor, pois baseada no tempo de trabalho do trabalhador e não no tempo de “trabalho” (ressaltem-se as aspas) das máquinas. Além do mais, se o conhecimento, ou melhor, a aplicação da ciência à produção é a principal força produtiva, não faz sentido manter a propriedade privada, pois ela conflita com o caráter social do trabalho científico. O avanço científico depende da interação entre os cientistas, da disponibilidade a custo zero dos conhecimentos já adquiridos. Qualquer limitação a isto é uma limitação ao desenvolvimento científico e tecnológico e, portanto, ao avanço das forças produtiva, é um entrave ao desenvolvimento da produção.

Já para o Lenin, o final do capitalismo tem uma explicação distinta da que acabamos de expor, feita pelo Marx. Em Lenin, o monopólio, a fase imperialista, é fruto da livre concorrência capitalista, em razão da superioridade da grande produção. A vitória da grande produção sobre a pequena, leva a uma enorme concentração e centralização da produção, leva

---

<sup>29</sup> *Grundrisse: Foundations of the critique of political economy*. London/New York: New Left Review/Pelican Books, 1077, especialmente Notebook VI e Notebook VII. De agora em diante referido como **Grundrisse**.

<sup>30</sup> *Miséria da filosofia*, p. 120/122.



ao monopólio. A acentuada elevação da composição orgânica do capital leva à queda da taxa de lucro. A situação de monopólio, no entanto, permite que essa queda na taxa de lucro seja compensada pelas maquinações financeiras. O capitalismo não recorre mais tão intensamente às modificações técnicas como instrumento da competição e, assim, tem seu dinamismo reduzido, ainda que não abolido. A separação entre propriedade e gestão da produção, a famosa e tão badalada profissionalização da gestão, cria uma camada parasitária que vive da propriedade de ações, sem qualquer relação direta com a produção <sup>(31)</sup>. Essas maquinações financeiras, os preços de monopólio, as exportações de capital, a política colonial e as inevitáveis guerras imperialistas, junto com a criação de dois novos personagens, a oligarquia financeira e a aristocracia operária, dão um traço de decomposição e parasitismo à fase monopolista do capitalismo.

Em suma, nos temas do desarranjo e do futuro do capitalismo, diferentemente de Marx, onde a luta de classes tem um papel essencial, em Lenin a luta de classes não tem um papel fundamental. O fundamental é a concorrência entre os capitais. Há, portanto, um distanciamento entre o segundo Lenin, o economista e o Marx, o revolucionário.

O sexto comentário discordante decorre do comentário anterior, sobre a mudança do capitalismo para outra forma social de produção da vida. Para tanto começemos recorrendo ao György Lukács, no *Tecnologia e relações sociais* <sup>(32)</sup> criticando Bukharin por transformar a tecnologia em um princípio transcendente, chamando isso de materialismo burguês.

Cogitamos que a inspiração de Lukács para tal crítica está no *Manifesto do Partido Comunista* <sup>(33)</sup>, de Marx & Engels, onde está dito que a burguesia estava se revelando incapaz de continuar a exercer seu domínio por muito mais tempo, (porque) incapaz de impor à sociedade, como lei suprema, as condições de existência de sua classe, pela incapacidade para assegurar ao seu escravo (proletário) a própria existência no quadro da escravidão (assalariamento). Assim, a burguesia estava se afundando em

---

<sup>31</sup> O famoso “empresário schumpeteriano”, mito criado pelo ideólogo Joseph Schumpeter e a tal destruição criadora, a valer o que foi mostrado pelo Lenin, já não existem mais na virada do século XIX para o século XX, pois a fase monopolista do capitalismo já está consolidada na entrada dos anos 1900.

<sup>32</sup> *Tecnologia e relações sociais*, in Bukharin: teórico marxista. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989

<sup>33</sup> *Manifesto do Partido Comunista*, São Paulo: Cortez, 1998. De agora em diante referido como **Manifesto**.





uma situação em que tem de ser ela a alimentar seu escravo/proletário ao invés de ser alimentada por ela <sup>(34)</sup>.

Em Lenin, o fim de um modo de produção ocorre como consequência de um princípio transcendente, o permanente desenvolvimento das forças produtivas e a competição entre os capitalistas. Em Marx/Lukács o fim do modo de produção decorre da luta de classes e ocorre quando a classe dominante deixa de ser sustentada pela massa e passa a ter que sustentar a massa <sup>(35)</sup>.

O sétimo comentário é que a antinomia, já presente no *Quem são os amigos do povo*, indica que então Lenin não dominava adequadamente a dialética. Daí não causar surpresa que, posteriormente, quando estudou a obra do Hegel <sup>(36)</sup>, Lenin tenha se encantado e dito erradamente que era preciso ler Hegel para se entender melhor a obra do Marx <sup>(37)</sup>.

Isso parece responder à questão de se o determinismo, o finalismo do Lenin era fruto de pragmatismo político, das tarefas de agitação e propaganda, como eu mesmo por muito tempo pensei que fosse, ou de um legítimo hegelianismo? Os comentários discordantes aqui apresentados não são prova definitiva, mas sugerem fortemente que o ativismo revolucionário do Lenin o tem um fortíssimo traço religioso, místico, é movido por um otimismo histórico. O que obviamente, como será mostrado adiante, não invalida suas magníficas realizações teóricas e políticas.

### Parte 3: concordância com o Lenin marxista “raiz”

A esmagadora maioria dos que lerem este texto e estará se perguntando: “Mas Marx não inventou a dialética materialista? O materialismo dialético não é uma correção do idealismo hegeliano?”. A resposta, aqui, é: “Não!”.

---

<sup>34</sup> *Manifesto*, p. p. 19.

<sup>35</sup> Um ponto interessante que deriva desse comentário nos remete a uma conjectura, a de que o Bolsa Família, ou a Renda Mínima, ou ao Imposto de Renda Negativo, idealizados pelo liberalismo e não pela esquerda, pode estar anunciando o fim do capitalismo e sua transformação em socialismo ou em barbárie.

<sup>36</sup> *Cadernos sobre a dialética de Hegel*, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.

<sup>37</sup> No Youtube, no canal *Marx, sem ilusões: Paulo de Tarso Presgrave Leite Soares*, em dez vídeos reproduzindo as aulas que leciono na disciplina EAE 0524 Marx: destruição da economia política no curso de economia da FEA/USP, mostro o erro de se associar Marx ao Hegel.



Para explicar a resposta negativa, começemos por Lucio Colletti, no *Marxismo y dialéctica* <sup>(38)</sup>, dizendo que o marxismo, na maioria dos casos, sequer suspeita que oposição dialética e oposição real são duas oposições radicalmente distintas e, nos poucos casos em que teve notícias delas, não compreendeu o significado delas, pois considerou a oposição real como um caso de dialética <sup>(39)</sup>. A oposição dialética, oposição por contradição, se expressa pela fórmula <A> e <não-A>. De um lado, <A> não é nada em si, não é nada por si, é apenas a negação de <não-A>. De outro lado, <não-A> não é nada em si, não é nada por si, é apenas a negação de <A>. Ambos os polos, <A> e <não-A>, são negativos no sentido de que são irreais, não são coisas, são apenas ideias. O conceito verdadeiro de dialética, disse Hegel referindo-se ao Platão, consiste em mostrar o movimento dos conceitos puros <sup>(40)</sup>. A dialética, portanto, só existe nos conceitos. E Colletti fulmina dizendo que é perda de tempo e, em alguns casos é pior do que isso, falar-se em dialética das coisas <sup>(41)</sup>.

Em seguida lembremos de algo que aqui mesmo já foi referido, do Marx, no *Sagrada família*, criticando os hegelianos por verem o real como mera aparência ou como encarnação da Ideia. Isso nos remete de volta ao Colletti dizendo que a dialética da matéria, a dialética das coisas, que deveria ser o específico do marxismo, já está toda contida na obra de Hegel, não em contradição com o idealismo de Hegel, mas como instrumento e meio desse idealismo <sup>(42)</sup>. Lembremos aqui do Marx, no *Sagrada família*, criticando o real como a encarnação da Ideia, assim, o materialismo dialético seria a encarnação da dialética hegeliana. Mas voltemos ao Colletti. O drama do marxismo, disse ele e aqui reforçamos a palavra drama, incorrido até mesmo por Engels, no seu *Dialética da natureza*, é tomar ao pé da letra <dialética da matéria>, de Hegel, como sendo uma forma superior de materialismo <sup>(43)</sup>.

Registre-se que tal ponto não é puro delírio do Colletti, como alguns menos avisados podem alegar, delirar, pois o próprio Marx, no *Critica*

---

<sup>38</sup> *Marxismo y dialectica*, in La cuestión de Stalin y otros escritos sobre política y filosofía, Barcelona: Editorial Anagrama, 1977. também disponível em <http://pt.scribd.com/doc/174570581/COLLETTI-L-1977-La-cuestion-de-Stalin-y-otros-escritos>, de agora em diante referido como **Marxismo y dialectica**

<sup>39</sup> *Marxismo y dialéctica*, p.163.

<sup>40</sup> *Marxismo y dialéctica*, p.164.

<sup>41</sup> *Marxismo y dialéctica*, p.167.

<sup>42</sup> *Marxismo y dialéctica*, p.176.

<sup>43</sup> *Marxismo y dialéctica*, p.177.



*filosofia direito* – Hegel, disse que o dualismo fundamental da lógica de Hegel era tratar a universalidade e a singularidade, os momentos abstratos do silogismo, os momentos abstratos da inferência lógica, como opostos reais, como antítese real <sup>(44)</sup>. Por conseguinte, quando Marx chama a atenção para o dualismo fundamental da obra de Hegel, quando critica Hegel por tratar os momentos abstratos do silogismo como se fossem opostos reais, ele está dizendo que o silogismo <posição; oposição, composição>, ou em grego <tese; antítese; síntese, ou na linguagem sacramenta <afirmação; negação; negação da negação> só vale para os conceitos <sup>(45)</sup>.

Isso posto, podemos focar na negativa à afirmação que Marx, no final da vida, voltou ao Hegel.

Cabe desde logo questionar se Marx algum dia foi hegeliano. Uma carta escrita por ele, em novembro de 1937 e dirigida ao seu pai <sup>(46)</sup>, diz que já havia lido fragmentos da filosofia hegeliana, cuja grotesca melodia pétreia não o agradava, mas no período em que esteve mal, em Stralau, ele quis mergulhar novamente nesse mar. Dessa vez com um propósito específico : encontrar a natureza do espírito de modo tão essencial , concreto e preciso quanto a natureza física; não mais como um exercício de esgrima, mas sim segurando pérola pura sob a luz do sol <sup>(47)</sup>. Ele, então, conheceu toda a obra do Hegel, do começo ao fim, incluindo a da maioria dos seus alunos e, no entanto, foi se prendendo, de maneira cada vez mais firme, à filosofia mundana, da qual pretendia escapar. Mas tudo o que era sonoro silenciou, uma verdadeira fúria irônica o dominou, como era de esperar que acontecesse após tanta negação <sup>(48)</sup>. Lembremos, adicionalmente, do Colletti, na *Introdução aos Primeiros estudos do Marx* <sup>(49)</sup>, chamando a atenção para a perplexidade que a descoberta deles causou, pois ao invés de

<sup>44</sup> *Critica filosofia direito – Hegel*, p.105

<sup>45</sup> É muito útil recorrer ao *Miséria da filosofia*, em especial às p. 90/94, para se ver o desprezo do Marx por esse silogismo.

<sup>46</sup> in HEINRICH, M. **Karl** Marx e o nascimento da sociedade moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra. São Paulo: Boitempo, 2018. 1 v. De agora em diante referida como **Carta ao pai/1837**.

<sup>47</sup> *Carta ao pai/1837*, p. 430.

<sup>48</sup> *Carta ao pai/1837*, p. 431.

<sup>49</sup> **“Introduction”**, à edição pela Pelican / New Left Review dos Early Writings of Karl Marx, 2<sup>a</sup> ed., Middlesex/London: ew, 1977; também disponível em La cuestión de Stalin y otros escritos sobre política y filosofía, Barcelona: Editorial Anagrama, 1977 e acessível em <http://pt.scribd.com/doc/174570581/COLLETTI-L-1977-La-cuestion-de-Stalin-y-otros-escritos>



atribuir o caráter reacionário do Hegel ao seu compromisso pessoal com o monarca, Marx dizia que este derivava da própria lógica do Hegel.

Do início pulemos para o final da vida do Marx, da *Carta ao pai/1837* para o famosíssimo *Prefácio à segunda edição do Capital* (<sup>50</sup>). Neste está ressaltada a distinção entre o modo de investigação de o modo de exposição. Marx disse que a investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e perquirir a conexão íntima entre elas e só depois de concluído esse trabalho é que se pode descrever adequadamente o movimento real (<sup>51</sup>). Note-se como isso se coaduna com o que Marx disse no *Manuscritos econômico-filosóficos* (<sup>52</sup>). Aqui, Marx disse que, para explicar a interconexão essencial entre os fatos da realidade econômica, não faria como a economia política, não recorreria a um estado primitivo imaginário, pois isso significaria agir como o teólogo, que explica a origem do mal pelo pecado original, ou seja, não vai supor como um fato dado e acabado, na forma de história, o que precisa ser explicado. Marx disse que iria partir de um fato nacional econômico presente e buscaria as conexões essenciais com a sua origem (<sup>53</sup>). Cabe então comentar que não é demais enfatizar que, se a investigação que o Marx se refere, *Prefácio à segunda edição do Capital*, fosse pelo caminho da dialética, não faria sentido ele buscar a conexão íntima entre as diferentes formas, pois ela já está dada pelo conceito, já está implícita no conceito. Em reforço, cabe ainda enfatizar o alerta do Marx, o de que se conseguir capturar essas ligações essenciais, a vida da realidade pesquisada poderá ficar espelhada no plano ideal, o que pode dar a impressão de uma construção “a priori” (<sup>54</sup>). O movimento do real não é a expressão do movimento do conceito, coo seria caso a investigação fosse pela dialética.

Em suma, a *Carta ao pai/1837*, o *Crítica filosofia direito – Hegel*, o *Sagrada família*, o *Manuscritos*, o *Miséria da filosofia* e o *Prefácio à 2ª. ed* indicam que a dialética nunca foi o modo de investigar do Marx, que não houve mudança epistemológica em Marx. Reforçam a interpretação em que

<sup>50</sup> *Prefácio à segunda edição do Capital*, in *Capital*. De agora em diante referido como **Prefácio à 2ª. ed.**

<sup>51</sup> *Prefácio à 2ª. ed.*, p.28.

<sup>52</sup> *Manuscritos econômico-filosóficos* 2ª. Reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2008. De agora em diante referido como **Manuscritos**.

<sup>53</sup> *Manuscritos*, p. 80.

<sup>54</sup> *Prefácio à 2ª. ed.*, p.28.



a dialética era um mero recurso expositivo para Marx dialogar com a corrente então hegemônica no pensamento alemão.

Por conseguinte, no *Quem são os amigos do povo*, Lenin não estava errado quando disse que Marx não investigava dialeticamente e sim se expressava dialeticamente. Concordamos com o primeiro Lenin.

#### Parte 4: porque mantenho a admiração pelo Lenin

Esta parte contém os sete fundamentos para a manutenção da minha admiração pelo Lenin, um autor tão importante na minha vida acadêmica <sup>(55)</sup> e na compreensão política que tenho hoje .

O primeiro fundamento para continuidade da minha admiração pelo Lenin segue György Lukács, no *Lenin* <sup>(56)</sup>. A grandeza de um pensador proletário é medida pela profundidade e pela amplitude da visão que ele tem, pela intensidade com que é capaz de entrever corretamente, por trás dos fenômenos da sociedade burguesa, aquelas tendências que vão em direção à revolução proletária. Medido por esse padrão, Lenin é o maior pensador que o movimento revolucionário dos trabalhadores concebeu desde Marx. E continua Lukács, a chegada da revolução não foi vista apenas por Lenin, mas ele foi o **único** capaz de fazer disso o fio condutor seguro para o tratamento do conjunto das questões do presente, por isso, no sentido histórico mundial. Lenin é o **único** teórico à altura de Marx até então (1924) produzido no interior da luta de libertação do proletariado <sup>(57)</sup>.

O segundo fundamento para continuidade da minha admiração pelo Lenin ainda segue Lukács. Lenin realizou em relação a nossa época o mesmo que Marx fez em relação à totalidade do desenvolvimento do capitalismo. A atualidade da revolução, essa é a ideia principal de Lenin. Com Lenin, a atualidade da revolução proletária deixou de ser apenas um horizonte histórico mundial, aberto sobre a classe trabalhadora em luta pela sua libertação, para ser colocada na orem do dia do movimento operário <sup>(58)</sup>.

---

<sup>55</sup> Ver especialmente *Estudo sobre Lenin e a reforma agrária*. Tese de doutorado aprovada com nota dez, com distinção e louvor (qualificativos que naquela época havia).

<sup>56</sup> *Lenin*, São Paulo: Boitempo, 2012

<sup>57</sup> *Lenin*, p. 29 e33.

<sup>58</sup> Lenin, p. 30/31.



O terceiro fundamento para a continuidade da minha admiração pelo Lenin está no já referido princípio da cotidianeidade, algo em absoluta coerência ao desprezo do Marx pelas abstrações (<sup>59</sup>).

Iniciamos recorrendo ao Miguel Vedda, na "*Apresentação*" que fez ao texto do György Lukács, intitulado "*Lenin: um estudo sobre a unidade do seu pensamento*" (<sup>60</sup>). Vedda chama a atenção que, em outro texto, escrito em 1968, intitulado "*Lenin e as questões do período de transição*", Lukács destaca a capacidade do Lenin de ter sempre em vista "inteira vida cotidiana dos homens". O princípio da cotidianeidade é um traço marcante em Lenin, por toda sua vida.

Isso nos remete imediatamente ao Marx, no *Miséria da filosofia*, criticando os hegelianos por confundirem erradamente abstração com análise, por imaginarem que fazendo abstrações estão fazendo análise. Isso nos remete também aos Marx, no *Para a crítica à filosofia do direito em Hegel – Introdução*, dizendo que a crítica não é um bisturi para a uma cirurgia recuperadora e sim uma arma dirigida contra um alvo que se quer destruir e que ela deve descrever/denunciar a opressão que uma esfera social exerce sobre as demais.

O princípio da cotidianeidade do Lenin foca na em denunciar a miséria/desgraça que é a vida dos trabalhadores, foca na opressão cotidiana do capitalismo sobre a massa. Um foco que nos permite ver a revolução proletária, não como uma evolução da razão, à La Hegel e sim à La Marx, como uma necessidade prática, extraída da necessidade de nos livrarmos da opressão cotidiana capitalista.

O quarto fundamento para a continuidade da minha admiração pelo Lenin está em que não conheço autor melhor, estudo mais completo, da relação cidade-campo no desenvolvimento do capitalismo. Melhor ainda. Um estudo eito na feita na perspectiva do proletariado, ou melhor, na perspectiva da revolução proletária.

Em *Um estudo sobre Lenin e as defesas da reforma agrária no Brasil* (<sup>61</sup>) "mostrei que, para o Lenin, o compromisso do marxista era com o

<sup>59</sup> Chamo a atenção para o *Sagrada família* e para o *Miséria da filosofia*.

<sup>60</sup> São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

<sup>61</sup> Paulo de Tarso Presgrave Leite Soares, *Um estudo sobre Lenin e as defesas da reforma agrária no Brasil*. Tese de Doutorado (Economia) São Paulo: FEA/USP, 1992, disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12138/tde-01062007-173056/pt-br.php>. De agora em diante referido como **Estudo sobre Lenin e a reforma agrária**.



desenvolvimento das forças produtivas, criadoras da classe operária. Lenin saudava o desenvolvimento do capitalismo no campo, a introdução das máquinas no campo, que destruía o campesinato, gerando a burguesia e proletariado rural, gerando o êxodo rural, a acumulando na cidade a força histórica da sociedade. Lenin defendia os direitos trabalhistas, pois este destruía a pequena produção, acelerava o triunfo da grande produção e o desenvolvimento do proletariado, da força histórica da sociedade. O que preocupava Lenin era a ausência de um partido comunista verdadeiramente revolucionário que organizasse essa força histórica em direção à revolução. Note-se que Lenin era radicalmente contra qualquer proteção ao camponês, era este que deveria se ajustar à perspectiva do operariado. Lenin dizia que, na estatização das terras não se devia dar preferência aos camponeses, pois o objetivo não era dar terra para quem não tem e sim abolir a renda absoluta da terra, propiciar a aceleração do desenvolvimento do capitalismo no campo. O camponês é que deveria ajustar-se à perspectiva do proletariado e não ao contrário. O compromisso não é como passado e sim com o futuro. Sendo assim, causa perplexidade ver referências elogiosas ao Lenin entre os defensores da reforma agrária. A aliança operário-camponesa jamais foi estratégica e sim meramente tática, para fazer frente a uma nobreza assassina que levava adiante uma guerra que estava exterminando a população russa.

O quinto fundamento para a continuidade da minha admiração pelo Lenin está na obra *Imperialismo*, onde Lenin decifrou a fase monopolista/imperialista do capitalismo. Nela, ele mostrou que o imperialismo não é uma prática e sim uma fase do desenvolvimento do capitalismo. Mais ainda. Ali está mostrado que ela é uma fase de decomposição e parasitismo, de senilidade do capitalismo. Está igualmente mostrado que a acentuação da opressão e as guerras imperialistas são traços inerentes à essa fase. Mostra ainda o surgimento de dois novos personagens nessa fase monopolista do capitalismo, a aristocracia operária com a oligarquia financeira e denuncia a aliança ideológica entre esses dois novos personagens.

Como trata o imperialismo como fase, como a fase em que predominam os monopólios, é uma obra que continua atualíssima. Assim, ela não só permitiu ao Stalin entender a situação naquela época e defender a URSS, como hoje nos propicia entender a movimentação dos EUA no mundo e o apoio generalizado que esse movimento tem. Obra que nos ajuda a entender a atual operação militar especial russa na Ucrânia, a



entender que se trava uma guerra por procuração, modo como aparece a guerra entre as duas maiores potências, os EUA e a China.

O sexto fundamento para a continuidade da minha admiração pelo Lenin está em que, no *Imperialismo*, além de decifrar a fase monopólicia do capitalismo, ele desenvolveu a teoria do <<imperialismo como uma corrente>>. A resistência de uma corrente é a do seu elo mais fraco. A Rússia, então, era o elo fraco dessa corrente imperialista. É isso que traz a revolução de um horizonte histórico mundial para a ordem do dia do movimento operário. Para Lenin, seria da Rússia que sairia a revolução mundial.

A Rússia não foi o estopim da revolução proletária mundial, mas isso não diminui a relevância da análise do Lenin, nem a minha admiração por ele. Explico melhor.

Como Lucio Colletti, no *La cuestión de Stalin* <sup>(62)</sup>, chamou à atenção, todos os grandes marxistas da época sabiam que o comunismo só tem sentido como fenômeno mundial. Eles achavam que a Rússia seria o estopim de uma revolução mundial. A burguesia, no entanto, afogou inclusive em sangue as tentativas de espalhar a revolução proletária ocorrida na Rússia. Isso colocou para os bolcheviques uma questão crucial. Nas minhas próprias palavras e não mais nas de Colletti, a questão era deixar a nobreza assassina voltar e, com a manutenção da guerra, continuar o extermínio da população russa, ou tentar garantir as conquistas libertadoras da Revolução Socialista? A decisão, como agora é óbvia, foi pela segunda alternativa e para tal se inventou a teoria da << possibilidade do socialismo em um só país >>. Uma história que o Domenico Losurdo, com maestria, expos no *Stalin: história crítica de uma lenda negra* <sup>(63)</sup>. É razoável pensar que, sem a URSS & Stalin, teríamos as conquistas sociais que temos hoje e que, depois da derrocada da URSS, estão sendo retiradas?

Mas acima de tudo, cabe aqui lembrar da crítica que Marx & Engels, no *Ideologia alemã* <sup>(64)</sup>, fizeram à transformação do socialismo e do comunismo em teorias abstratas, em dois princípios. Isso evidencia o equívoco de se dizer que a URSS foi um desvio de um alegado "socialismo

---

<sup>62</sup> *La cuestión de Stalin*, in *La cuestión de Stalin y otros escritos sobre política y filosofía*, Barcelona: Editorial Anagrama, 1977 e acessível em <http://pt.scribd.com/doc/174570581/COLLETTI-L-1977-La-cuestion-de-Stalin-y-otros-escritos>

<sup>63</sup> *Stalin: história crítica de uma lenda negra*, Editora Revan, 2010.

<sup>64</sup> *Ideologia alemã*, op. cit. p. 441.





teórico". Não cabe se falar em socialismo teórico e socialismo real, uma distinção de cunho idealista que não cabe na obra do Marx. Só o desconhecimento e/ou a má fé criam um modelo de socialismo, para em seguida imbecilmente dizer que o socialismo não deu certo em lugar nenhum. Luta política e ideológica mascarada em racionalidade, que tanto agrada os incautos e incultos, especialmente à burguesia e aos seus acólitos.

Em suma, mesmo com a derrocada da URSS em nada afeta a minha admiração pelo Lenin. Uma admiração que a primeira parte deste texto indiscutivelmente não permite ser acusada de religiosa.

O sétimo fundamento para continuidade da minha admiração pelo Lenin está em que o *Imperialismo* é uma ótima resposta ao Adam Smith. Este é um ícone da burguesia, talvez o maior nome entre os teóricos burgueses, porque acabou com uma contradição no discurso burguês, a de que o egoísmo, algo ruim, gerava uma coisa boa, a riqueza. Smith diz que a competição faz com que vícios privados não se tornem vícios sociais e, assim, o egoísmo é uma coisa boa <sup>(65)</sup>. Coisa boa, egoísmo, gerando coisa boa, riqueza. A contestação do Lenin ao Smith não consiste em negar as vantagens da concorrência, mas em mostrar que, dada a superioridade da grande produção, a concorrência entre os capitalistas leva ao monopólio. O benefício da concorrência tem vida curta. Sua consequência, o monopólio, decididamente é inaceitável para Smith <sup>(66)</sup>. Uma bela resposta <sup>(67)</sup>.

<sup>65</sup> Sigo aqui Lucio Colletti, *Mandeville, Rousseau and Smith*, in *From Rousseau to Lenin: studies in ideology and society*, Month Reviv Pres, 1974.

<sup>66</sup> Joseph A. Schumpeter escreveu o *Capitalismo, socialismo e democracia* (Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961) para contestar o Lenin e o fez dizendo que este aderira a uma velha teoria, que o monopólio existe desde o início do capitalismo, que a concorrência relevante é entre tecnologias, uma nova tecnologia destruindo a anterior, a destruição criativa. Esta resposta de Schumpeter ao Lenin não é uma bela resposta porque este jamais negou que a concorrência em alguns lugares, em alguns ramos, não se impusesse. O argumento do Lenin é que o estímulo ao progresso técnico era menor quando predominava o monopólio do que quando predominava a concorrência. O que o Lenin dizia é que o estímulo ao progresso técnico, na fase em que predomina o monopólio era menor do que na fase em que predomina a concorrência. Como a tese do Schumpeter é útil à burguesia, ele é louvado como um brilhante intelectual.

<sup>67</sup> Posteriormente a contestação ao Lenin focou em dizer que o monopólio não é inevitável, que a livre entrada no mercado impedia essa monopolização e que se ela existia devia-se à interferência governamental gerando privilégios indevidos para certos grupos. Uma resposta inferior à de Schumpeter, pois baseada no jeito religioso apontado pelo Marx, no *Sagrada família*, em que no céu (teoria) tudo é maravilhoso,



O oitavo fundamento para continuidade da minha admiração pelo Lenin está em que posso ler o *Imperialismo* do modo como hoje leio Marx. Nem sempre um texto permite ser lido de outra forma. É certo que isso desfigura o texto, constitui-se de fato em uma caricatura do texto original, mas o propósito não é a originalidade e sim a utilidade para a compreensão do fenômeno, é a quantidade e a qualidade das informações nele presentes. Afinal, lembro da crítica do Marx a que se veja o movimento do real como resultado do movimento do conceito. Lembro também do Marx dizendo que ao invés de se buscar a existência empírica da verdade, se deve buscar a verdade da existência empírica. Assim, mesmo discordando de um texto, ele pode ser útil para o nosso propósito de compreender melhor um fenômeno. Lenin mesmo era useiro e vezeiro em recorrer a autores com os quais tinha profundas discordâncias, para provar o ponto que defendia. Ele pegava as informações e dava um novo significado a elas. O *Imperialismo* está lotado de exemplos disso.

Anteriormente eu via na magnífica obra sobre o imperialismo uma teoria positivista, onde o monopólio causava tudo o mais ali apontado, causava os preços de monopólio, a exportação de capital, a política colonial, as guerras imperialistas e o surgimento da oligarquia financeira e da aristocracia operária, que caracterizam a decomposição e o parasitismo do capitalismo. O monopólio causava a decomposição e o parasitismo do capitalismo. Essa é a estrutura da obra. Ela, no entanto, também pode ser lida de forma diferente e oposta. O monopólio, ao invés de ser visto como causa, pode ser visto como expressão, como síntese, como o que <<amarra>>, como o que dá inteligibilidade para as diferentes manifestações da decomposição e do parasitismo do capitalismo. Que diferença isso faz?

Isso faz muita diferença! Dá um sentido diferente à história, retira o caráter determinista, abole a necessária causalidade, coloca o acaso no centro dos acontecimentos, faz com que o presente não seja o destino do passado, no mais puro espírito do Marx lecionado na disciplina já referida na primeira nota de rodapé e aqui já exposto.

---

mas na terra as coisas se passam de modo oposto. O capitalismo é bom, o homem é que é ruim. Ridículo!



Continuo a exposição. Sabe-se que Marx admirava o Darwin (<sup>68</sup>). Antes da teoria da evolução das espécies, a estatística era um recurso para compensar a nossa ignorância. Não se conhecendo a razão da relação entre <A> e <B>, a estatística, ao estabelecer uma regularidade na relação entre <A> e <B>, permite fazer uma associação entre <A> e <B>, diminui o problema do desconhecimento sobre o fenômeno <A;B>. A estatística permite estabelecer regularidades, regras, leis, mesmo sem se conhecer o que faz com <A> e <B> se existam e se relacionem. Darwin mudou esse quadro, pois trouxe a estatística para dentro da dinâmica. Explico melhor. Se a reprodução não é perfeita, ela produz é um leque de reproduções que não são idênticas ao original. Ao longo do tempo, acaba predominando a reprodução mais adaptada ao meio ambiente. Somente *ex post* se consegue identificar o que se passou, *ex ante* não se consegue dizer o que se passará. Assim, por exemplo, o homem não é o destino do macaco, o que se pode dizer é que os macacos e os homens vieram do mesmo veio.

Nunca é demais repetir. Como apontado por Colletti, no *Marxism and Hegel* (<sup>69</sup>), para Marx, o movimento do conceito não determina o movimento do real (<sup>70</sup>). Não há uma filosofia da história. O presente não é o destino do passado. Há lugar para o acaso. É o presente que ilumina o passado. É neste sentido que se pode falar em contemporaneidade da história. O que Marx (<sup>71</sup>) faz é dar uma inteligibilidade para a história, ou melhor, para o presente (<sup>72</sup>). Entende-se assim porque, no *Manuscritos econômico-filosóficos*, Marx disse que partiria de um fato presente (<sup>73</sup>) e no *Prefácio à 2ª. ed.*, disse que é preciso apoderar-se da matéria em estudo, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e perquirir a conexão íntima entre elas (<sup>74</sup>).

Qual a origem da diferença entre o jeito corrente de pensar e o jeito como Darwin e Marx pensam? No jeito corrente, o pensar existe antes do

---

<sup>68</sup> A fonte para a associação entre Marx e Darwin é BENSÄID, Dniel. *Marx: o intempestivo (grandezas e misérias de uma aventura crítica)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. De agora em diante referido como **Marx intempestivo**.

<sup>69</sup> *Marxism and Hegel*, London: NLB, 1973 (publicado originalmente como Part II de *Il marxismo e Hegel*, Editori Laterza, Bari, 1969). De agora em diante referido como **Marxism and Hegel**.

<sup>70</sup> Ver também *Crítica filosofia direito – Hegel*, p. 36.

<sup>71</sup> e Darwin

<sup>72</sup> *Marxism and Hegel*, p.130.

<sup>73</sup> *Manuscritos*, p. 80.

<sup>74</sup> *Prefácio à 2ª. ed.*, p. 28.



ser, daí que compreender é identificar a “verdade”, a Ideia, na realidade (<sup>75</sup>). Compreender é buscar a existência empírica da verdade (<sup>76</sup>). Isso faz com que o homem e a história não passem de meros campos de comprovação da verdade, torna o homem e a história subalternos à Ideia, existem para que a verdade chegue à autoconsciência (<sup>77</sup>). Diferentemente, no jeito como Marx pensa, em que o ser é que leva ao pensar, compreender é buscar a verdade da existência empírica. Percebe-se então que o homem, mediante o trabalho, engendra o próprio homem, que o homem faz a história (<sup>78</sup>). Não cabe portanto perguntar por um ser acima do homem e da natureza, uma pergunta que contém a confissão da inessencialidade do homem e da natureza (<sup>79</sup>). Compreender é aprender a lógica específica do objeto específico (<sup>80</sup>). Um materialismo em que o objeto, a realidade, o sensível, é apreendido como atividade humana sensível, como prática objetiva e não subjetivamente (<sup>81</sup>) É um verdadeiro materialismo! Aqui, o conceito **não** é o filho da “Idéia” em Deus pai, **não** é o “agens”, **não** é o princípio ativo, determinante e diferenciador do mundo real (<sup>82</sup>)

Hoje leio o *Imperialismo* do mesmo jeito com que leio o *Ideologia alemã*. Nesta obra escrita com o Engels, Marx trata da vida, da vida humana. Para haver vida humana é preciso produzir os humanos, uma vez que eles são percíveis. Para produzir homens vivos é preciso produzir bens materiais (alimento, alojamento, vestuário) e outros homens (homem e mulher). O ser humano é o único ser vivo que produz a vida mediante o trabalho (uma ação em que o homem já tem na mente o resultado dela, em que ela não se dá por instinto, não se dá por programação genética). O homem é o único ser vivo que produz instrumentos de trabalho. O trabalho não é o ponto de partida e sim a conclusão do estudo. Hoje leio Lenin partindo de um fato presente, a guerra e aliança ideológica entre a aristocracia operária e a oligarquia financeira beneficiária da guerra. Faço então a ligação entre a guerra e a política colonial (não há guerra sem colônia), entre a política

<sup>75</sup> *Critica filosofia direito - Hegel*, p. 108

<sup>76</sup> O que é isso se não o teste de hipótese?

<sup>77</sup> *Sagrada família*, p. 96/97 e 102.

<sup>78</sup> Ver *Ideologia alemã*.

<sup>79</sup> *Manuscritos*, p. 14

<sup>80</sup> *Critica filosofia direito - Hegel*, p. 108

<sup>81</sup> Karl Marx, *Ad Feuerbach*, in *Ideologia alemã*, op. p. 533

<sup>82</sup> *Critica filosofia direito - Hegel*, p.36.



colonial e a exportação de capital e os preços de monopólio. O monopólio não é o ponto de partida e sim a conclusão do estudo.

Assim, o que enfeixa as diferentes manifestações da senilidade do capitalismo, da decomposição e parasitismo do capitalismo, o que “amarra” os preços de monopólio, a exportação de capital, a política colonial, as guerras imperialistas, a oligarquia financeira e a aristocracia operária, é o monopólio. Estabelece-se assim uma relação entre o monopólio e a acentuação da opressão da vida sob o capitalismo, desfazendo a impressão de uma construção à priori como se fosse uma contrução positivista.

### **Conclusão**

Lenin é plenamente merecedor da minha admiração. A análise da relação cidade-campo no desenvolvimento do capitalismo e a análise sobre a fase monopólica do capitalismo são magistrais. Seus méritos são infinitamente superiores aos seus eventuais defeitos. São análises fundamentais, utilíssimas para se entender o mundo atual. Análises feitas na perspectiva do proletariado, da abolição do capitalismo. Elas, no entanto, não tornam Lenin um Deus. Não é, portanto, “pecado” discordar de certos aspectos delas. Não é heresia registrar tais discordâncias.

*Recebido em 14 mar. 2022 | aceite em 22 mai. 2022.*

